



Eucalyptus Online Book & Newsletter

Texto extraído de

Eucalyptus Newsletter nº 50 – Fevereiro de 2016

Uma realização:



Autoria: **Celso Foelkel**



Organizações facilitadoras:



ABTCP – Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel



IBÁ – Indústria Brasileira de Árvores



IPEF – Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais

Empresas e organizações patrocinadoras:



Fibria



ABTCP – Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel



ArborGen Tecnologia Florestal



Celulose Irani S.A.

Celulose Irani



CENIBRA – Celulose Nipo Brasileira



CMPC Celulose Riograndense



indústria brasileira de árvores

IBÁ – Indústria Brasileira de Árvores



Klabin



Lwarcel Celulose



Pöyry



Solenis



storaenso

Stora Enso Brasil



Suzano Papel e Celulose





Relatos de Vida



ABECEL

Associação Brasileira de Exportadores de Celulose

Ao final dos anos 1960's, o Governo Federal brasileiro já conhecia e se entusiasmara com as florestas plantadas de eucalipto, que naquela época já abasteciam com sucesso diversos processos industriais, como as fábricas de chapas e aglomerados de fibras, de preservação de peças de madeira para postes e moirões, e em especial, empresas fabricantes de celulose e papel. Havia toda uma história de determinação e de esforço de pesquisas e estudos que culminaram para que, naquela época, a fabricação de celulose sulfato ou kraft branqueada de eucalipto já fosse uma realidade. Eram quatro grandes empresas brasileiras de papéis brancos (Suzano, Champion, Papel Simão e Ripasa) que fabricavam produtos de qualidade competitiva com as fibras do eucalipto e que encantavam os clientes brasileiros, mas existiam outras de menor porte que também se

destacavam (Cícero Prado, Matarazzo, Spina, Gordinho Braune, etc.). Isso despertou a ideia de promover o crescimento desse setor no Brasil, tanto para atendimento da demanda interna, como para gerar excedentes para exportação. De início, o Governo cuidou sabiamente de incentivar a formação de uma base florestal de florestas plantadas de eucaliptos e de pinheiros. Isso se conseguiu pelo conhecido e divulgado PIFR - Programa de Incentivos Fiscais ao Reflorestamento (Lei nº 5.106, de 02 de setembro de 1966) que perdurou por praticamente duas décadas.

A seguir, esse apoio e estímulo ao crescimento industrial foram fortalecidos através do II PND - Segundo Plano Nacional de Desenvolvimento, que entre outros programas englobava o I PNPC - Primeiro Plano Nacional de Papel e Celulose, durante o governo Ernesto Geisel (1974-1979). Surgiam então as grandes estrelas celulósicas da época: Borregaard em 1972 (depois Riocell e hoje Celulose Riograndense), Cenibra, Aracruz (atualmente Fibria), Jari, Celulose da Bahia (atualmente Bahia Specialty Cellulose), CELPAG Guatapar (hoje International Paper do Brasil), e mais tarde, em outros momentos, a Bahia-Sul (hoje Suzano) e a VCP (atualmente Fibria). Elas se juntaram naqueles tempos  igualmente competitivas Suzano, Ripasa (hoje Suzano), Simão (hoje Fibria), Champion (atual International Paper do Brasil), Klabin, etc. Mais tarde, ao longo dessa historia de sucessos, algumas empresas foram mescladas a outras, algumas desapareceram, outras mudaram de localização, ou de controle acionário. E a vida continua..., isso  parte da historia de qualquer setor empresarial.

Nos anos 70's, as fábricas de celulose branqueada de mercado de eucalipto no Brasil surgiram antes de se ter um mercado desenvolvido para essas fibras. A primeira delas, que iniciou produção no final de 1972, foi a Industria de Celulose Borregaard (depois Riocell) no Rio Grande do Sul, que exportava uma celulose não branqueada para a Noruega. L essa polpa era branqueada e vendida na Europa com o nome de Unicel - a primeira das polpas com fibras brasileiras orientada tipicamente para exporto e venda na Europa. Somente em 1983 foi que a Riocell completou sua fábrica e passou a branquear e exportar diretamente sua celulose para os mercados internacionais.

Apesar dos esforços de integração entre os produtores domésticos e os orientados para a exporto, existiam diferenças de comportamento, foco, tecnologias e *timing*. Os produtores locais não estavam acostumados ao jogo violento da competição global, pois os mercados brasileiros eram fortemente protegidos pelos governos da época. Logo, os futuros produtores de grandes volumes a exportar perceberam que necessitariam de um trabalho em grupo que fosse de qualidade, estratégico, institucional e baseado em dados confiáveis. Surgiu assim a ideia de se fundar uma associação de classe somente de empresas que exportassem no mínimo 80% de sua produção: o nome ABECCEL surgiu espontaneamente. Em meados dos anos 70's, data incerta na minha lembrança, acredito que por volta de 1976, era fundada a nova, dinâmica e versátil associação.

Infelizmente a historia  muito ingrata com os que desaparecem ou morrem. A ABECCEL deixou de existir em 1997 e hoje quase nada mais se encontra na web sobre ela e seu papel vital que desempenhou para o setor brasileiro de celulose e papel. Uma perda, um setor que acabou ficando com pouca memória sobre essa fase dourada.

 muito importante mencionar que quando a ABECCEL foi criada e começou a trabalhar, a única das grandes empresas exportadoras a base de eucalipto que já estava operando era a Riocell - Rio Grande Companhia de Celulose do Sul, fabricando uma celulose não-branqueada de eucalipto. As outras grandes da época, Cenibra, Aracruz, Jari, Bahia Sul, estavam ainda ou em construção ou em fase de projetos. Logo, a ABECCEL surgiu para abrir caminhos para essa industria que ainda estava no berço. Riocell, Cenibra e Aracruz foram as empresas fundadoras e logo tiveram suas fábricas colocadas em operação para com isso aumentar a oferta de

celulose de mercado brasileira, que tinha como preferência a Europa e a Ásia (Japão, no caso específico da Cenibra). Jari/Monte Dourado surgiu logo depois como associada e Bahia-Sul, hoje Suzano unidade Mucuri, começou a operar no início dos anos 90's, mas antes disso já havia se agregado como sócia da ABCECEL para cooperar e se valer das vantagens da dinâmica associação.

Rapidamente, a nova associação começou a trabalhar, com sua sede localizada na cidade do Rio de Janeiro. Era uma entidade enxuta, versátil e de tomadas rápidas de decisões. Eram poucos sócios, os interesses eram comuns e as lideranças principais das empresas é que participavam do conselho da entidade. Pouca gente qualificada para tomada de decisões consensuadas de grande impacto. Os principais executivos das empresas estavam sempre em contato para facilitar que as ações estratégicas fossem rapidamente operacionalizadas. Lembro-me sempre de meu grande e entusiasmado amigo e líder empresarial Aldo Sani da Riocell articulando-se com Ernani Galveas, Luiz Kaufmann, Murilo Passos, Fernando Henrique da Fonseca, Luiz Otávio Valadares, Alfred Freund, Paulo Roberto Domingues, e tantos outros dirigentes de peso na fase inicial da entidade. Quase sempre a ABCECEL tinha palavra e apresentava posicionamentos em eventos importantes nacionais e internacionais, como os eventos da ANAVE (Fóruns), ABTCP (Congressos) e PPI (Pulp and Paper International Conferences), BWPA (British Wood Pulp Association, Reino Unido), PPPC (Pulp and Paper Products Council, Canadá) e FAO (Advisory Committee on Paper and Wood Products).

A ABCECEL trabalhava muito em obter boas estatísticas de produção de celulose e papel, fosse de produção no Brasil ou fora dele, dos mercados compradores ou dos competidores. Também procurava se articular politicamente e estrategicamente, para isso necessitando de muita cooperação entre as equipes das empresas associadas. Era comum também o seu monitoramento de novos projetos de fábricas e de expansões de capacidade de oferta de celulose de mercado a nível mundial.

Os primeiros projetos estratégicos da ABCECEL implicavam em se criarem argumentações positivas para facilitar as negociações de venda e de aceitação dos produtos brasileiros no Brasil e fora dele. Em primeiro lugar, havia que se entender melhor com os compradores domésticos de celulose de mercado, que não estavam acostumados a falar em preços dolarizados em um mercado interno onde os preços eram determinados pelo Governo Federal em função dos custos incorridos na produção (lembrem-se do famigerado CIP – Comissão Interministerial de Preços - <http://ppe.ipea.gov.br/index.php/ppe/article/viewFile/462/405>). O segundo desafio seria convencer os compradores globais que a celulose de mercado de eucalipto era uma fibra muito mais do que uma fibra barata para enchimento da estrutura de papel. E também que era produzida com respeito ao meio ambiente e às pessoas.

Como resultado desse trabalho cooperativo, surgiu a parceria da ANFPC – Associação Nacional de Fabricantes de Papel e Celulose e da ABCECEL com a PPI (Pulp and Paper International - Miller Freeman), para a realização, em Bruxelas, em maio de 1979, do "*Symposium on New Pulps for the Paper Industry*", que versava quase que exclusivamente sobre as fibras do eucalipto, com participação de outros interessados nos eucaliptos como os espanhóis, portugueses, marroquinos e sul-africanos. Pelo sucesso do simpósio, esse evento se converteu na PPI Market Pulp Conferences, que ainda persistem na forma de congressos organizados e promovidos pela RISI – Resources Information Systems Inc., que sucedeu a PPI. Leiam o que escrevemos sobre isso em nosso Relato de Vida sobre o GT-EUCA, do qual inclusive aproveitamos algumas tomadas de frases (http://www.eucalyptus.com.br/newspt_jul12.html#dois).

Em setembro de 1997, com o objetivo de fortalecer ainda mais a associação patronal de celulose e papel no Brasil, optou-se pela fusão de duas associações: A ANFPC – Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose e a ABCECEL – Associação Brasileira de Exportadores de Celulose. Surgia então a BRACELPA – Associação Brasileira de Celulose e Papel, cujo primeiro presidente foi Osmar Elias Zogbi. Tive na época, junto com Alfred Freund, diretor superintendente da Riocell, a missão de juntos elaborarmos os conceitos que norteariam a nova associação através de um Plano de Consolidação para essa nova associação. Elaboramos um documento para orientar a fusão e que foi muito bem aceito pelas partes das duas associações. Só não tivemos sucesso com a nossa sugestão de sigla para a nova associação (ABCPA). Não era muito boa mesmo! Acabou ficando BRACELPA – uma sigla muito mais apropriada e com maior poder de *marketing* do que o nome por nós proposto. Lembro-me que foi uma sugestão muito boa dos demais conselheiros e diretores da ANFPC, onde posso destacar Osmar Zogbi, Raul Calfat, Rui Haydar, Mário Higino Leonel, dentre outros. Essa delegação das duas associações para que estabelecessemos uma proposta de fusão acabou acontecendo em função da própria sugestão de fusão, que havia partido da Riocell, e pelo fato de que eu e o amigo Alfred Freund éramos da diretoria das duas associações.

A BRACELPA acabou novamente sofrendo reformulações e novas fusões, passando a se denominar Ibá - Indústria Brasileira de Árvores, em 2014. Ela passou a reunir as empresas que participavam da Associação Brasileira da Indústria de Painéis de Madeira (ABIPA), da Associação Brasileira da Indústria de Piso Laminado de Alta Resistência (ABIPLAR), da Associação Brasileira dos Produtores de Florestas Plantadas (ABRAF) e da Associação Brasileira de Celulose e Papel (BRACELPA).

Durante os meados dos anos 90's, muito em função de eu ter assumido a Vice-Presidência de Meio Ambiente da ANFPC, em 1993 (onde permaneci até 1998), comecei a participar mais ativamente de outras entidades afins e de classe, onde houvessem oportunidades de influenciar ou de cooperar nas seguintes temáticas de interesse setorial: meio ambiente, área florestal e comunicação setorial. Dentre as associações que elegi para atuar com maior presença estavam: SBS – Sociedade Brasileira de Silvicultura e ABCECEL. Sobre a SBS já deixei um de meus Relatos de Vida, em 2014 (http://www.celso-foelkel.com.br/pinus/PinusLetter43_SBS.pdf).

Agora, lhes trarei um pouco da história de como nos organizamos como ABCECEL para atuar em relação a esses pontos vitais para o setor de celulose e papel brasileiro. Naquela época, tínhamos alguns pontos-chaves que mereceriam muito esforço e dedicação para melhorias significativas ao nosso setor.

Dentre eles, destaco os seguintes:

- O processo de certificação florestal, que começou a se tornar importante a partir da Declaração das Florestas, lançada na ECO-92 (United Nations Conference on Environment and Development, em 1992, na cidade do Rio de Janeiro) e da fundação do FSC – Forest Stewardship Council, em 1993, com sede no México.
- O processo de normalização ambiental, com os lançamentos das normas de gestão ambiental pela ISO – International Organization for Standardization e pelo British Standards Institute.
- O processo de rotulagem ambiental com a criação de padrões e limites de parâmetros para papéis com finalidades sanitárias pela União Europeia

(Ecolabel Flower). Isso representava ameaças ao consumo de celulose de mercado de eucalipto e havia necessidade de se ajustar e participar desse processo, até mesmo de se desenvolverem alternativas locais de rotulagem ambiental junto à ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas.

- A imagem socioambiental do setor, muito afetada em alguns itens pouco claros na sociedade, tais como: “monocultivo das plantações florestais” de eucaliptos e *Pinus*; supostos desmatamentos pelo setor na Amazônia e Mata Atlântica; presença de poluentes hídricos contaminantes como dioxinas, furanos e outros poluentes orgânicos persistentes (POP’s); poluentes aéreos causadores de mau odor e de particulados no ar; estratégias fundiárias das empresas, que eram focadas em máxima autossuficiência possível de madeira própria para abastecer suas fábricas; aspectos sociais como geração de empregos, deslocamentos de agricultores familiares, etc., etc.
- A imagem da eucaliptocultura, em especial na Europa, onde existiam pressões contra esse gênero de árvores em relação a temas ali entendidos como negativos, como: sustentabilidade das monoculturas de árvores, uso de agrotóxicos, exaustão de recursos hídricos e de fertilidade dos solos, erradicação de matas nativas, etc. A celulose de mercado brasileira estava entrando muito fortemente nos tradicionais mercados europeus de oferta de fibras e isso estava incomodando alguns produtores escandinavos que procuravam mostrar seus processos como sendo mais amigos do meio ambiente do que os brasileiros.
- As ameaças presentes do recrudescimento dos parâmetros de legislação ambiental no Brasil, que eram sempre desenvolvidos com base nos mais rígidos critérios internacionais, tanto para as leis como para os licenciamentos de novas unidades de produção de celulose.
- A representatividade do setor de celulose e papel no CONAMA – Conselho Nacional do Meio Ambiente.
- As ameaças sempre presentes na área do comércio exterior para um país de imagem ambiental insatisfatória, taxa de câmbio volátil e altas taxas de juros.
- A adesão das empresas em compromissos globais de natureza ambiental, como os seguintes: “Carta Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável” da Câmara de Comércio Internacional; Sistema “Responsible Care” da indústria química, princípios ambientais do WBCSD – World Business Council for Sustainable Development.
- A necessidade de se disporem de parâmetros de *benchmarking* ambiental e florestal em relação às empresas nacionais e às internacionais.
- A necessidade de se entender melhor os conceitos de sustentabilidade florestal, dos impactos ambientais florestais e industriais e sua mitigação, etc.
- A necessidade de se desenvolverem textos como “position papers” e cartilhas para permitir maior divulgação das ações e práticas do setor.
- A baixa articulação e diálogo com ONG’s ambientais e sociais.

- A necessidade de integração maior entre os diversos atores do setor: ABTCP, ANFPC, SBS, ABCECEL, etc.
- O forte desenvolvimento tecnológico em um período onde fábricas estariam sendo construídas no Brasil e nada melhor do que o ser com as BAT's – Best Available Technologies.
- O esclarecimento e fornecimento de argumentação relevante aos executivos porta-vozes do setor, para melhor atuação em reuniões, debates, audiências públicas, etc.

Minha participação nos diversos comitês da ABCECEL foi intensa, principalmente entre 1994 a 1997. Tive presença ativa como membro ou coordenador nos três principais comitês que estavam relacionados aos aspectos ambientais: florestal, meio ambiente e comunicação. Cada um desses comitês era constituído de um ou dois membros de cada empresa associada, embora fosse sempre possível a participação de mais membros convidados, fossem de empresas ou especialistas externos, como consultores. Lembro-me muito bem que se dispunha de grupos com alta qualificação, pessoas que frente à ecleticidade, se repetiam entre os comitês, como eu próprio. Dentre os componentes mais participativos nesses três comitês estavam sempre a postos os seguintes amigos: Umberto Cinque e Cristina Moreno (Bahia-Sul); Márcio Costa e Cristina Varella (Cenibra), Carlos Alberto Roxo e Nuno Cunha e Silva (Aracruz Celulose); Jeives Aragão e Miriam Bertoloti (Jari/Monte Dourado) e Celso Foelkel, Jorge Vieira Gonzaga e Haroldo Fernandes (Riocell).

Quem cuidava da secretaria executiva da ABCECEL era nosso estimado e competente amigo Ludwig Moldan, uma pessoa maravilhosa, competente, honesta, responsável e determinada. Com a fusão da ABCECEL com a ANFPC, Ludwig migrou para a BRACELPA em São Paulo em uma posição em tempo parcial, posição que ocupou por alguns anos até se aposentar. Até hoje mantemos a amizade e uma conversação regular por mensagens de e-mail.

A maior parte dos produtos dos comitês temáticos da ABCECEL eram: estudos e relatórios; "position papers"; participação em eventos, debates e reuniões representando a associação; ações concatenadas em mídia, *benchmarking* e integrações com outras entidades; ações de influência; relacionamento institucional; representação em diálogos com partes interessadas, etc.

Os focos não eram apenas as externalidades, mas principalmente a melhoria ambiental interna das empresas associadas. Fazendo a ligação entre tudo isso, trabalhava-se fortemente com a comunicação, com esclarecimentos, com desenvolvimento de argumentações, etc.

Para que essa mágica toda funcionasse, havia muito esforço e muitas iniciativas dos membros dos comitês e de seus pares nas empresas. Tudo era regido por um Planejamento Estratégico bem elaborado pelos comitês e consolidado a nível de diretoria e secretaria executiva da ABCECEL, com orçamentações financeiras e detalhamento de ações, metas e prazos.

Acredito que tudo se encaixava muito bem. É claro que nem tudo planejado foi possível ser conquistado, mas valeu muito a pena. A gente vivia os percalços naturais de um País em ebulição constante, com uma economia que começara a se estabilizar – enfim – havia otimismo – dentro e fora do setor, isso a partir do Plano Real, em 1994.

Trabalhar integradamente foi a grande lição desse processo, onde se somavam esforços e inteligências. Foi definitivamente uma parte interessante de minha vida profissional, que valeu a pena ter vivido. Aprendi muito com os amigos dos comitês e com as pessoas consideradas partes interessadas da sociedade, com as quais debatíamos, dialogávamos e tentávamos nos entender melhor.

Trabalhos e desafios não faltavam – afinal, a gente estava construindo algumas das rotas de sustentabilidade não de nossas empresas, mas das grandes empresas exportadoras de celulose – ou seja do próprio futuro do setor brasileiro de celulose e papel.

Um privilégio isso tudo.

Referência de literatura:

Cultura do eucalipto pela indústria brasileira exportadora de celulose.
ABECEL – Associação Brasileira de Exportadores de Celulose. 19 pp. (199_?)

http://www.eucalyptus.com.br/artigos/199_Cartilha_Eucalipto_ABECEL.pdf



O mundo florestal sempre se renovando – atributo dessa coisa maravilhosa que é a Natureza...

Eucalyptus Newsletter é um informativo técnico orientado para ser de grande aplicabilidade a seus leitores, com artigos e informações acerca de tecnologias florestais e industriais sobre os eucaliptos
Coordenador e Redator Técnico - Celso Foelkel
Editoração - Alessandra Foelkel (webmaster@celso-foelkel.com.br)
GRAU CELSIUS: Tel. (51) 9947-5999
Copyrights © 2012- 2016 - celso@celso-foelkel.com.br

Essa **Eucalyptus Newsletter** é uma realização da **Grau Celsius**. As opiniões expressas nos artigos redigidos por Celso Foelkel, Ester Foelkel e autores convidados, bem como os conteúdos dos websites recomendados para leitura não expressam necessariamente as opiniões dos apoiadores, facilitadores e patrocinadores.

Caso você tenha interesse em **conhecer mais sobre a Eucalyptus Newsletter** e suas edições, por favor visite:
<http://www.eucalyptus.com.br/newsletter.html>

Descadastramento: Caso você **não queira continuar recebendo** a Eucalyptus Newsletter, o Eucalyptus Online Book e a PinusLetter, envie um e-mail para: webmanager@celso-foelkel.com.br

Caso esteja interessado em **apoiar ou patrocinar** as edições da Eucalyptus Newsletter, da PinusLetter, bem como os capítulos do Eucalyptus Online Book - [click aqui](#) - para saber maiores informações

Caso queira se **cadastrar** para passar a receber as próximas edições dirija-se a:
<http://www.eucalyptus.com.br/cadastro.html>
